



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

ENTRE O EXCESSO E A AUSÊNCIA: A MEMÓRIA EM *O LUGAR ESCURO: UMA HISTÓRIA DE SENILIDADE E LOUCURA*, DE HELOÍSA SEIXAS



BETWEEN EXCESS AND ABSENCE: MEMORY IN *O LUGAR ESCURO: UMA HISTÓRIA DE SENILIDADE E LOUCURA*, BY HELOISA SEIXAS

Camila da Silva SOUSA
Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Silvana Maria Pantoja dos SANTOS
Universidade Estadual do Maranhão/Universidade
Estadual do Piauí, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 22/06/2020 • APROVADO EM 18/08/2020
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2487>

Resumo

O presente trabalho objetivou analisar o processo memorialístico em *O lugar escuro: uma história de senilidade e loucura* (2007) de Heloísa Seixas, e o modo como a protagonista da obra é afetada pelo percurso do esquecimento. Para tanto, procurou-se descrever os recursos característicos do ato de rememorar que se apresentam ao longo da obra, bem como a

interpretação dos efeitos de sentido decorrentes das memórias individual e coletiva, com ênfase nas personagens, datas e demais elementos privilegiados na narrativa. Em relação ao arcabouço teórico-metodológico, foram utilizadas as visões de Pollak (1992), Halbwachs (2006), Candau (2012) e Sarlo (2007). Em análises, verificou-se que a retrospectiva da narradora busca, mesmo que implicitamente, a problematização de conflitos passados com a mãe com possibilidade de superação, além do abrandamento das angústias pelo entendimento das origens da doença de sua progenitora e a preservação de sua identidade.

Abstract

This paper provides an analysis of the memorialistic process featured in Heloísa Seixas's *O lugar escuro: uma história de senilidade e loucura* (2007), as well as the way the protagonist is affected by the path of oblivion. For this purpose, this investigation sought to refer to the resources derived from the act of remembering in which are shown throughout this literary work, likewise an interpretation of the effects of meaning resulted from individual and collective memory with focus on the characters, dates and other elements portrayed in the book's narrative. Regarding the theory-based methodology structure, perspectives from Pollak (1992), Halbwachs (2006), Candau (2012) and Sarlo (2007) were utilized in this paper. Through analysis, it was possible to verify that the narrator's retrospection seeks to represent, even though implicitly, the problematization of conflicts previously triggered against its mother as possibility of resilience. Furthermore, the narrator's retrospection also seeks to portrait the soothing of its anguish as a result of the understanding of the origins of its mother disease and the preservation of its own identity.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Identidade. *O lugar escuro*. Heloísa Seixas.

KEYWORDS: Memory. Identity. The dark place. Heloísa Seixas.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Desde a experiência mais íntima até os fatos socialmente relevantes, quando lembrados, carregam consigo uma carga social e histórica que determinam, subjetivamente, o modo como cada sujeito experiencia acontecimentos de sua trajetória. Mas, e quando se relata as memórias de alguém que jaz no esquecimento de sua própria história? É essa problemática que se apresenta na obra *O lugar escuro: uma história de senilidade e loucura*, de Heloísa Seixas. A narrativa traz uma gama de relatos acerca do modo como a mãe da protagonista foi acometida pelo Alzheimer e passou a habitar *o lugar escuro* do esquecimento. Nesse sentido, o presente artigo objetiva analisar o processo memorialístico da protagonista de *O lugar escuro: uma história de senilidade e loucura*, de Heloísa Seixas, com ênfase no modo como a mesma é afetada pelo percurso do esquecimento.

Heloísa Seixas trabalhou como jornalista e tradutora. Escreveu mais de vinte livros, a partir dos quais foi três vezes finalista do prêmio Jabuti, duas vezes ganhadora do prêmio FNLIJ, finalista do prêmio São Paulo e também semifinalista do prêmio *Oceanos*. Sua produção inclui não só contos e romances, como também crônicas, literatura juvenil e infantil e peças de teatro.

Ao longo da narrativa de *O lugar escuro*, os conflitos e dramas familiares entre mãe e filha vão sendo rememorados por esta, sempre atravessados pelo sucessivo esquecimento da mãe, como se numa tentativa de reconciliação afetiva, além do esforço de salvaguardar a essência da identidade materna que se perdera em um lugar escuro, fora da memória.

Sob esse viés, as lembranças são afetadas pela subjetividade da filha, que manifesta uma relação conflituosa com a mãe; pela subjetividade da mãe, projetada nas lembranças da filha, demarcando dois tipos de memórias: as *individuais* e as *vividas por tabela* (POLLAK, 1992). Conforme a intensidade dos problemas, as lembranças ganham contornos distintos e passam a ser mais detalhadas, acrescidas de datas e de personagens que se repetem. E não apenas há a supervalorização de lembranças, mas também uma tentativa da narradora de proporcionar uma *organização dos fatos*, motivada por questões que a afligem.

No percurso da recordação, embates familiares vão sendo acrescidos à medida que a narradora se aprofunda no relato sobre o declínio da mãe, cujas consequências afetam a filha. De modo geral, as memórias da narradora e as herdadas da mãe são trazidas à tona, principalmente em três momentos da narrativa: (1) na tentativa de aproximação ou distanciamento afetivo, em decorrência dos conflitos familiares; (2) na procura da atenuação das angústias sofridas pela mãe, através do entendimento das origens e as causas dos males que a afetam; (3) na busca pela preservação da memória e, conseqüentemente, da identidade de sua progenitora. Essas três problemáticas são trazidas a partir de elementos retrospectivos, cujo detalhamento será discutido ao longo desta produção.

De modo geral, a narrativa é dividida em cinco partes: a evidenciação da história e identidade da mãe e da própria narradora; a busca por compreensão da origem dos males da família; os conflitos decorrentes do irmão e do pai da narradora; a deterioração física e mental da mãe; a reconciliação da filha com a mãe. Com efeito, essa coerência moldada pela narradora vai ao encontro de três questões: – o embate com a mãe, a preservação de sua memória e a justificativa para sua atual condição.

A TESSITURA ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE

Memória e identidade são imprescindíveis à condição humana. Enquanto a ausência de memória animaliza o homem, a falta de identidade o relega ao esquecimento. De modo geral, essa é a problemática expressa na obra *o lugar escuro: uma história de senilidade e loucura*, de Heloísa Seixas.

O lugar escuro é uma narrativa que discorre sobre o percurso agonizante trilhado pela mãe da narradora, diante de suas memórias que se esvaem devido ao Alzheimer e a loucura que a acomete. Sua personalidade começa a sofrer mutações, de modo a perder até as características mais elementares de seu *ego*. Conforme a mãe perde a capacidade de raciocinar, conseqüentemente, de rememorar o próprio passado, perde também a identidade. É neste sentido, que Candau (2012, p. 18) assevera que “a memória é a identidade em ação”, ou seja, ambas se constituem mutuamente.

Com efeito, a relação entre memória e identidade se dá sob o efeito da categoria temporal. O indivíduo que perde suas capacidades retrospectivas passa a viver na simultaneidade dos seus pensamentos e, conseqüentemente, deixa de ter conhecimento sobre sua gênese e perde a consciência de si. Da mesma forma que os valores culturais e identitários de uma comunidade estão ancorados na tradição histórica que os baliza, cada indivíduo precisa das lembranças, das experiências e dos conhecimentos que constituíram a sua consciência sobre o presente.

Candau (2012) compreende que a memória se constitui a partir de três direção, quais sejam: a memória do passado – aquela correspondente às lembranças da infância, as sensações experienciadas e os conhecimentos como um todo; a da ação – referente a ações do cotidiano de duração simultânea e a da espera – que diz respeito aos projetos do futuro. Essas três categorias criam um modelo específico de conhecimento acerca do passado, do qual cada indivíduo faz uso, partindo de suas necessidades do presente.

Desse modo, o que caracteriza o olhar retrospectivo é o fato de o sujeito fazer emergir um passado reativado e ordenado em função das motivações e afetividades do momento atual. Esse processo que compreende tempo e pessoa, Segundo Candau (2012) é condição necessária, já que é o passado do sujeito que justifica sua condição atual. Quanto a essa questão, Pollak (1992) assevera:

Podemos portando dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 5, grifos do autor).

Considerando que a memória é constituída a partir da perspectiva de quem a relata, o seu produto final é o resultado de um retalho de fatos localizados no tempo, filtrados pela subjetividade e expresso pela linguagem. Desse modo, pode-se afirmar que a memória é uma construção discursiva, uma vez que, antes de ser constituída, passa pelo crivo da criação, da imaginação e da percepção de que se pronuncia.

Ainda segundo Pollak (1992), para a formulação desse arcabouço retrospectivo, faz-se necessário dois elementos constitutivos: os acontecimentos pessoais e os vividos por etapa. O primeiro tipo diz respeito àqueles

acontecimentos que foram presenciados pelo próprio indivíduo que narra os fatos e o segundo envolve os acontecimentos compartilhados pelo grupo ou comunidade ao qual o indivíduo pertence, sem necessariamente terem sido presenciados pelo mesmo.

Entretanto, ressalta-se que apesar da divisão estabelecida por Pollak (1992), a memória não tem fronteiras claras a respeito do que seriam lembranças puramente individuais e coletivas. Halbwachs (2006) acrescenta que o indivíduo tem a ilusão de possuir uma memória individual, porém ele sempre irá se assentar sobre um coletivo de pensamento constituído pelas variadas relações que estabelece ao longo da vida, com comunidades ou grupos sociais.

Pollak (1992), após discorrer sobre os acontecimentos pessoais e por tabela, destaca outro aspecto importante a ser observado em qualquer texto de caráter memorialístico: “além desses acontecimentos, a memória é constituída por *pessoas, personagens*” (POLLAK, 1992, p. 2). Considerando que a construção memorialística se dá tanto consciente, quanto inconscientemente. Nomes ou personagens no decorrer do relato acabam se repetindo, alterados ou sendo apagados, sem que se perceba.

Por fim, ainda um elemento inerente às narrativas memorialísticas é a estruturação das memórias e a forma como os fatos são linearizados. Conforme Pollak (1992), cada aspecto trazido à tona, os elementos ocultados e a forma cronológica escolhida pelo autor consistem na tentativa de dar coerência à história. De acordo com o autor, as preocupações simultâneas ao ato de rememoração determinam o trabalho de organização da narrativa. Dessa forma, a estruturação é um elemento fundamental na interpretação das problemáticas explícitas e implícitas apresentadas por quem narram.

OS PONTOS DE PARTIDA DA RETROSPECÇÃO

Para compreender o processo memorialístico em *O lugar escuro: uma história de senilidade e loucura*, de Heloísa Seixas é necessário observar as fontes das quais o acervo de lembranças rememoradas é oriundo. Embora as divisões entre memória individual e coletiva não sejam demarcadas, o que se depreende na narrativa é a presença constante das memórias da narradora, da filha e, de forma secundária, as da mãe, mediadas pela subjetividade da filha. Essa hierarquia entre as lembranças de ambas marca justamente o conflito entre suas identidades e memórias, sobretudo na forma como a narradora busca dar coerência ao seu passado e ao da mãe.

O primeiro ponto de partida da retrospecção envolve a relação ambígua entre mãe e filha: as lembranças individuais e herdadas da narradora demarcam as diferenças entre sua personalidade e a da mãe, algo expresso na passagem em que a filha rememora sua gravidez e as impressões sobre o parto: “dizia que ao ter filho não sentira nada[...]. Quando chegou minha vez de ter bebê [...] tinha a impressão de que ia desmaiar de tanta dor, enquanto olhava de soslaio para minha mãe, pensando: *ela só pode ter mentido*” (SEIXAS, 2007, p. 12).

Observa-se que as duas dimensões memorialísticas encontram-se intrínsecas uma à outra, apesar de partirem de naturezas distintas. Essa dimensão da lembrança das impressões da mãe sobre o ato de parir, incorpora-se ao próprio discurso da filha, de forma natural, no ato de narrar. Entretanto, tendo em vista a seletividade pertencente ao ato de rememorar, a presença majoritária de lembranças provenientes da mãe indica a tentativa de resguardar uma identidade que se perdera.

Não obstante, a dissociação de ambas as personalidades e os momentos em que são destacadas as características da mãe, configuram também o interesse em formatar as principais marcas de seu ego. Não à toa, as lembranças da mãe sobre sua separação são constantemente retomadas, uma vez que, segundo a própria, esse teria sido o pior acontecimento da sua vida. Nesse caso, praticamente toda a dimensão retrospectiva parece pertencê-la, cabendo à filha o ato de rememoração seguido de uma avaliação subjetiva:

Nos lábios de minha mãe, a separação ganhava ares de dramalhão mexicano, com direito a cenas da mulher abandonada [...] com as mãos atadas em gazes, abertas em feridas (como as chagas de Cristo) [...] esta cena me acompanha, embora talvez nem a tenha visto. Mas lembro dela com os olhos da memória, de tantas vezes que me foi contada (SEIXAS, 2007, p. 16).

A partir de sua ótica, a filha constrói a imagem de alguém que está buscando supervalorizar suas dores, a começar pelo fato de que os recursos de linguagem empregados contribuem para essa significação, tais como o uso dos léxicos que remetem a um campo semântico do citado “dramalhão mexicano” e a comparação metafórica com “as chagas de Cristo”. Novamente, as memórias pessoais e herdadas são trazidas em prol da reconstrução da identidade da mãe, ancorada na subjetividade da filha.

Ademais, a resignação da mãe diante da separação é constantemente evocada ao longo da narrativa, o que realça a importância do acontecimento para a mesma, apesar das ressalvas da filha. Esse enfoque manifesta o quanto a narrativa também é afetada pelas memórias da mãe. No próprio trecho citado anteriormente, fica evidente que a narradora não tem certeza de que tenha vivido esse relato (e que este tenha sido apenas contado pela mãe), mas o evoca como se tivesse presenciado. Conforme Pollak (1992), essa é uma das características das lembranças vividas por tabela, “são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 2).

No terceiro exemplo a ser citado, duas memórias distintas pertencentes a cada uma das figuras centrais são colocadas pela narradora numa relação de comparação. A memória advinda da narradora descreve a relação de distanciamento com mãe: “Ela era forte. E, mais do que isso, era seca – palavras suas –, dessas pessoas que não gostam muito de chamego, de abraço e beijo”

(SEIXAS, 2007, p. 17). A imagem que a filha tem da avó, mãe da sua progenitora, não é diferente, e compreende a relação de temor da mãe em relação à sua genitora: “minha avó Guiomar era uma mulher rigorosa, dominadora, moralista. Tinha criado as quatro filhas com mãos de ferro e olhos vigilantes” (SEIXAS, 2007, p. 15).

Mais uma vez, o duplo jogo da memória e a marcação de personalidades ocorrem entre a mãe e a filha, constatando que esta tem, de fato, o interesse em destacar a identidade e a memória daquela que tanto lhe impressionava por suas qualidades múltiplas, mas ao mesmo tempo lhe soava distante e indiferente. Ao descrever a mãe como uma pessoa ríspida e distante, a protagonista busca não só evidenciar sua identidade para preservá-la, mas também construir a imagem de uma pessoa difícil de conviver, tal como uma tentativa de justificar seu distanciamento. No mesmo sentido, o paralelismo estabelecido com a avó também fornece explicações sobre o modo de constituição da identidade da mãe, a qual não poderia ser diferente, já que teve a criação rígida e sem afetividade.

Observa-se, pois, que a centralidade na obra está sobre mãe e filha, sendo o Alzheimer o ponto nodal a partir do qual as pendências mais profundas são desveladas e ressignificadas. Por conta da doença que destrói a memória, é que a narradora traça o percurso de retomada do passado e, sobretudo, da procura pela origem dos males da mãe, como forma de justificar e amenizar o impacto do presente. Em uma série de relatos sobre a loucura, a busca pela coesão entre lembranças e a tentativa de explicar a demência da mãe é uma constante:

Ela própria, quando ainda era jovem, brincava com isso, dizendo que talvez fosse culpa dos choques que ela e seus irmãos tomaram na infância (SEIXAS, 2007, p. 29).

Cresci cercada de loucos. Quando era pequena, passava as férias (quando não ia para a Bahia) nos sítio de meus avós paternos em Jacarepaguá, no Rio. Nossa casa ficava perto da colônia Juliano Moreira, o sanatório para alienados mentais (SEIXAS, 2007, p. 32).

O mesmo paralelismo com efeitos de hereditariedade é estabelecido primeiramente com a memória herdada da mãe e, em segundo, pela lembrança individual da protagonista que apresenta mais detalhes, como a rua e a cidade onde o fato ocorrera. Essa articulação entre memórias pessoais e coletivas é um fator inerente ao ato de recordar, afinal, “não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo” (HALBWACHS, 2006, p. 42). No entanto, a seleção e a colocação das memórias em relação sucessiva da mãe à filha, resulta no elo paradoxal estabelecido entre ambas: de aproximação *versus* distanciamento. Para além disso, há uma tentativa de reconstituição dos acontecimentos que levaram a mãe até o estágio atual, seja numa relação de compartilhamento familiar ou através de casos traumáticos.

A respeito das múltiplas intenções que subjazem à narrativa, o conteúdo memorialístico remete sempre à constituição da identidade da mãe que se quer preservada. Tal premissa vai ao encontro do pressuposto de Candau (2012), segundo o qual “é a memória [...] que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade” (CANDAU, 2012, p. 16). Quanto a esse aspecto, os trechos citados comprovam-no por si só, porém, junto à massa de memórias ressignificadas, os embates familiares vão sendo sobrepostos, como no ressentimento da narradora descrito a seguir:

Sempre soube que minha mãe gostava mais de meu irmão do que de mim. Vejo isso com certa naturalidade, agora. (SEIXAS, 2007, p. 40)

Mamãe contava tudo isso para nós, ostentando a mesma dignidade ofendida de que usava para falar do abandono do meu pai [...]. Mas eu ouvi aquilo com uma vaga sensação de reconhecimento. Havia certa semelhança entre aquela irmã tirânica e meu irmão. [...] eu colecionava uma série de injustiças cometidas contra mim, em favor dele. (SEIXAS, 2007, p. 96)

Em ambas citações, o efeito de simetria estabelecido entre memória pessoal e por tabela colocam em evidência tanto o fator hereditário que iguala mãe e filha, quanto a mágoa ressentida que, repetidamente, a narradora evoca. As lembranças que a mãe tem da irmã, retomadas pela narradora não apenas servem para que ressinta a problemática do âmbito genealógico, mas também delate a incoerência da mãe diante da preferência entre filhos e, com isso, faz um desabafo quanto às supostas injustiças que sofrera no passado. A partir disso, depreende-se que o ato de reconstituição da memória da mãe envolve mais do que a nobre tarefa de montar um arcabouço das memórias de alguém que as perdeu, abrange também a tentativa velada de expor os males sofridos, sobretudo os causados pela mãe.

Não se pode negar que a condição subjacente à mãe da narradora é o *leitmotiv* através do qual toda a problemática memorialística se delinea. Entretanto, não só as memórias individuais e coletivas evidenciam conflitos mais profundos relacionados à mãe, mas também a forma como certas datas e personagens são privilegiados na narrativa.

OS ENFOQUES DA NARRAÇÃO

As memórias individuais e coletivas constituem um grande acervo, a partir do qual se pode compreender as problemáticas da narrativa. Contudo, não só desses aspectos a retrospectiva memorialística é composta, ela compreende também tanto os elementos esquecidos quanto os priorizados na rememoração,

que fornecem pistas sobre as motivações da narradora. Isto se dá porque somente o que é relevante para o sujeito narrador fica guardado, tendo em vista que “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 4).

Na obra, o primeiro elemento a ser destacado diz respeito aos personagens apresentados. Ao longo da narrativa, a narradora faz alusão a diversos personagens que, de uma forma ou de outra, incidiram sobre os fatos rememorados. Destarte, há dois personagens que não só se destacam no conjunto da obra, como também são determinantes para a coerência interna das memórias da narradora, a saber: o pai e o irmão. A importância denegada a ambos se expressa principalmente em relação a maior mágoa guardada: a preferência da mãe pelo irmão – e pelas maiores dores da mãe – a separação e o distanciamento do filho: “os dois homens mais importantes da vida de mamãe – meu pai e meu irmão – foram embora. Meu pai, para se casar com outra mulher. Meu irmão, para viver do outro lado do mundo – no Havai.” (SEIXAS, 2007, p. 56).

No caso dos abandonos sofridos pela mãe é necessário enfatizar que estes são rememorados de maneiras distintas. Enquanto que a alusão ao pai diz respeito mais às angústias da mãe da narradora, as alusões ao irmão são feitas mais no sentido de queixar-se da mãe e demonstrar como, ao longo de sua vida, seu comportamento foi melhor que o do irmão, apesar de sua progenitora sempre ter demonstrado preferência em relação àquele.

Dessa forma, pode-se afirmar que pai e irmão são personagens relevantes à memória da mãe e da filha, isto é, no caso da mãe, suas lembranças são marcadas pelo sofrimento decorrente do abandono; no caso da filha, suas memórias são profundamente afetadas pela angústia de ter sido rejeitada em detrimento do irmão. Com efeito, demonstra-se, novamente, que a memória da mãe é um aspecto privilegiado, de modo a ter um de seus personagens destacados, bem como as implicações acarretadas. A filha, por conseguinte, tenta reestabelecer a memória materna, mas a utiliza também para satisfazer seu interior e descarregar suas mágoas.

Além do pai e do irmão da narradora, uma série de personagens, especificados ou não, também são citados. Embora esses não desempenhem um papel determinante, contribuem para a reconstituição que a narradora busca fazer sobre os acontecimentos que teriam, de alguma forma, acarretado a doença de sua mãe. Incluindo-se parentes e pessoas próximas, busca dar coerência aos acontecimentos relativos a esses personagens, a fim de entender a origem da loucura e do esquecimento da mãe e atenuar o sofrimento dela decorrente desses males. Em determinado trecho, observa-se tal problemática a partir da personagem Quiquinha: “mamãe sempre teve medo de enlouquecer [...] e, quando falava no assunto, sempre se referia à babá de seu pai [...] seu nome eu nunca soube, embora adivinhasse (Francisca?), já que minha mãe se referiu a ela sempre pelo apelido: Quiquinha” (SEIXAS, 2007, p. 26).

Há uma cadeia de casos coerentemente relacionados e evocados no intuito de justificar a situação da mãe. Em outras ocasiões, essa tentativa é feita quando a protagonista elenca momentos de sofrimento da mãe relacionados ao marido e ao

sogro, e até mesmo casos de problemas médicos, os quais teriam influenciado o desenvolvimento da doença dela.

A forma como estão dispostas as sequências de sujeitos e acontecimentos contribui, segundo Candau (2012), para a constituição da “recordação de uma trajetória ou de uma história de vida que, ao menos parcialmente, justificaria o destino individual” (CANDAU, 2012, p. 74). Em relação à obra, apesar da filha procurar constantemente o alívio para as suas aflições, é o destino individual da mãe que é justificado, uma vez que é a sua memória que necessita de reconstrução e de uma história que evite seu inevitável declínio mental.

Reconhecendo a disposição dos personagens focalizados, as questões discutidas e aquelas mais ocultas ficam, portanto, ainda mais evidentes, o que de fato pode ser analisado através dos detalhes com que cada memória é restituída. Conforme Sarlo (2007), através das descrições de quem rememora é possível observar o direcionamento subjetivo que a narrativa toma em função dos interesses velados, isto é,

entre detalhe individual e relato teleológico há uma relação óbvia, embora nem sempre visível. Se a história tem um sentido estabelecido de antemão, os detalhes se acomodam nessa direção, mesmo quando os próprios protagonistas custam a percebê-lo” (SARLO, 2007, p. 54).

Nesse sentido, o rumo que a história toma afeta o modo como cada fato é detalhado, mesmo que isso decorra de forma inconsciente. O excesso de detalhes, com efeito, pode ser observado principalmente em dois momentos da obra: no seu próprio momento fronteiro entre a loucura e a normalidade e na fase de ruptura da mãe com a realidade. Essas lembranças ora são repletas de muitas descrições, ora são acrescidas com datas e até horários, revelando-se como pontos de ancoragem de suma importância para a coerência memorialística pretendida pela narradora.

Não foi gradual, era um sábado. Exatamente naquele dia, minha filha completava 22 anos. Sábado, 1 de fevereiro de 2002, 8 horas da manhã. Talvez eu não pudesse precisar o momento se não fosse o aniversário, a mudança. Minha mãe enlouqueceu num sábado de manhã (SEIXAS, 2007, p. 09).

Não foi a primeira vez que estive no limiar da loucura. A outra vez foi há mais de vinte anos, mas lembro daquele dia com uma consciência exacerbada, um detalhismo quase sobrenatural. Era um domingo à tarde, um dia de outono. Guardei a data – guardo, sempre: 18 de outubro de 1985, pouco mais de seis da tarde (SEIXAS, 2007, p. 80).

Percebe-se uma série de memórias entrelaçadas (a mudança da filha e a descoberta do problema da mãe). Esse conjunto serve como ponto de referência ao longo da narrativa, sendo usado para localizar, no tempo, cada fato relatado, como se fosse o momento de partida, a partir do qual suas vidas começam a passar por mudanças. Além disso, é partindo desse ponto que a estruturação da memória é constituída, embora a narradora reconheça que há cinco anos desse acontecimento, sua mãe já apresentara sinais da doença.

No segundo trecho, a filha expõe, com riqueza de detalhes, o momento em que a mãe esteve perto da loucura, com datas e até os horários. Como que em uma relação de paralelismo com a mãe, a filha começa a se identificar com as mazelas de sua progenitora e, nesse percurso de alteridade, também muda o tom de revolta para o de compaixão. Conforme as etapas da doença e da loucura vão consumindo a mãe, a narradora passa a deixar de lado os conflitos e, cada vez mais, reúne os pormenores, algo simbolizado principalmente quando ela junta as fotografias, os objetos e demais pertences da mãe, ou seja, junta os fragmentos da sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *O lugar escuro* não retrata apenas uma história de senilidade e loucura, mas também de ausência e excesso de memórias que, apesar de desvanecidas pela doença da mãe, são resguardadas e ressignificadas pela escrita da filha.

Na tessitura memorialística, constatou-se que no interior da narrativa é reconstituída a trajetória de vida da mãe, a partir de memórias pessoais e aquelas herdadas. Além disso, não só se evidenciou os principais intentos da narradora, como também uma tentativa de linearização dos fatos, a fim de dar a coerência desejada, com o intuito de produzir efeitos de sentido específicos. Quando, por exemplo, a narradora traça uma divisão entre a personalidade de mãe e a sua, as memórias selecionadas e as descrições feitas constroem a autoimagem de alguém por diversas vezes injustiçada e constantemente diminuída. Logo, não há, pois, imparcialidade na rememoração dos fatos.

Além da retomada das vivências de sua progenitora, a narradora traça uma demarcação entre identidades que, além de ressaltar a personalidade da mãe, também justifica ações do presente diante da doença dela, como uma forma de mostrar que, apesar das injustiças cometidas pela mãe, sempre esteve ao lado da mesma. Assim, a alusão a personagens e a riqueza de detalhes levam a filha a ampliar as problemáticas que perpassam a vida familiar.

Dois personagens, irmão e pai, são enfatizados pela narradora de forma ressentida. Ela expõe lembranças que demonstram suas impressões acerca da preferência da mãe pelo irmão. Quanto à mãe, suas memórias a respeito do abandono do marido também são delineadas a partir da visão da filha sobre os fatos.

Apesar das injustiças sentidas, a narradora vai às origens dos problemas da mãe através da genealogia da família e de outras causas especuladas (doenças, excesso de hormônios e até menstruação), de modo a compreendê-la, através do detalhamento dos percursos pelos quais a mãe passou, sobretudo da loucura e do esquecimento. São fatos reconstituídos em função do abrandamento da dúvida e da diluição da angústia.

A relação ambígua entre mãe e filha é delineada a partir de uma seleção de lembranças que favorece primeiramente à narradora e, em segundo, a sua mãe. Após a exposição dos principais embates familiares, ocorre a rememoração dos estágios principais da decadência da mãe, descrevendo, progressivamente, o processo de definhamento e desidentificação a que a mãe é submetida. Nesse momento, a narradora enfatiza como sua relação entre mãe e filha se transformou e mudou a configuração convencional dos cuidados que eram denegados à mãe e, agora, transferidos para a filha. Apesar de a mãe ser o eixo central da narrativa, a filha mantém a sua imagem, a de quem soube suportar a dificuldade da situação, mesmo tendo sofrido injustiças da mulher que agora está sob seus cuidados.

É chegado o momento de reconciliação, assim, a retomada dos acontecimentos serviu como ponto para reflexão, abrandando a revolta e angústia da narradora. A resolução do conflito entre ambas e a preservação da história da mãe foi possível, graças à reflexão que o distanciamento entre o vivido e o lembrado proporcionou.

Referências

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Mazzucchi Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. p. 29-70.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SARLO, Beatriz. A retórica testemunhal. In: SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. 45-68.

SEIXAS, Heloisa. *Bio*. Disponível em: <https://heloisaseixas.com.br/what-i-do/>. Acesso em: 02/01/19.

SEIXAS, Heloisa. *O Lugar Escuro: uma história de senilidade e loucura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Para citar este artigo

SOUSA, Camila da Silva; SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. Entre o excesso e a ausência: a memória em *O lugar escuro: uma história de senilidade e loucura*, de Heloísa Seixas. *Miguilim* – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 9, n. 3, p. 517-529, set.-dez. 2020.

As autoras

Camila da Silva Sousa é mestre em Letras (2020), área de concentração Teoria Literária pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Bolsista FAPEPI (2018-2020). Graduada em Letras/Português (2012) pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Silvana Maria Pantoja dos Santos é doutora em Teoria literária pela UFPE. Pós-doutora em Estudos da memória pela UESB. Profa. de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Letras de ambas Universidades. Atua nas linhas de Pesquisa Literatura, Espaço e Memória; Literatura, Cidade e Paisagem.